

Ficção e memória escolar

Miliana Mariano da Silva *

Resumo

Este estudo objetiva refletir sobre a produção literária das obras *O Ateneu*, de Raul Pompéia, e *Vintém de Cobre: meias confissões de Aninha*, de Cora Coralina, analisando como os escritores retomam o estatuto da escrita da memória como recriação de suas trajetórias de vida. Desta forma, pretende-se investigar essas obras para melhor compreender o ambiente escolar vivenciado pelos autores e transfigurados em forma de linguagem, que, apesar de elaborada, reflete a visão de mundo do escritor.

Palavras-chave: memória escolar, literatura, Raul Pompéia, Cora Coralina.

Fiction and school memories

Abstract

The aim of this study is to reflect on the literary production of *O Ateneu*, by Raul Pompéia, and *Vintém de Cobre: meias confissões de Aninha*, by Cora Coralina, by analyzing how the authors write memoirs as a way to re-create their life journeys. It analyzes these works in order to get a better understanding of the school atmosphere experienced by the authors, which when transfigured in the form of language and worked on by the authors, reflects their worldview.

Keywords: School memories, Literature, Raul Pompéia, Cora Coralina.

Investigar o processo de criação literária, vinculado à representação do processo memorialístico, é uma abordagem importante para a compreensão da literatura e a percepção de uma época. Somar experiências individuais e coletivas aos relatos da história permite a cada indivíduo conhecer com mais profundidade a sua constituição subjetiva. Assim, acreditando

* Professora da Educação Básica da rede estadual de ensino de Goiás e mestranda em Letras e Linguística pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás. E-mail: miliana_mariano@hotmail.com

no grande valor da memória como via esclarecedora de muitas trajetórias e circunstâncias de vidas subentendidas, este estudo propõe-se a refletir sobre o processo de criação literária, para o qual escrever significa elaborar literariamente experiências vividas.

Ao lado dos dados históricos, a literatura apresenta-se como uma aliada para esclarecer fatos e momentos relevantes da construção da história do nosso país. As “verdades” que escapam à pesquisa histórica podem reaparecer nos trabalhos ficcionais, já que seus autores não são apenas testemunhas da escola de sua infância ou da idade adulta, mas também intérpretes refinados dos processos escolares (LOPES; GALVÃO, 2001, p. 85). A literatura apresenta-se como um acervo de retratos do passado, como imagens descritas com o olhar do idealizado, mas pautadas em vivências que ressurgem em forma de linguagem, que, apesar de elaborada, reflete a visão de mundo do escritor.

A obra literária compromete-se com o seu tempo ao valer-se dos aparatos expressivos da linguagem, a fim de preencher lacunas deixadas pela história, ao resgatar vivências individuais, mas amparadas por um contexto coletivo, no qual o escritor está arraigado. Para Cardoso (2009, p. 38),

A história oficial silencia acerca dos aspectos que a superestrutura pretende ocultar. O romancista preenche esse silêncio por meio das ações de seus personagens. Cria-se uma macrorrecepção em que, antes de o leitor completar os silêncios das narrativas ficcionais, o autor, reconhecendo-se na história e sentindo-se participante desta e solidário com a condição humana, completa os vazios das narrativas historiográficas.

Por considerar a importância do uso da literatura como subsídio para esclarecer facetas da história da educação brasileira, pistas e evidências serão buscadas nas obras *O Ateneu*, de Raul Pompéia, e *Vintém de Cobre: meias confissões de Aninha*, de Cora Coralina, que retratam o contexto escolar referente ao fim do século XIX e início do século XX, para reconhecer e refletir sobre as práticas educativas reveladas, assim como perceber as experiências particulares da personagem e do eu-lírico, sob o aspecto da representatividade coletiva.

No romance *O Ateneu*, publicado em 1888, Raul Pompéia relata a experiência escolar do protagonista Sérgio, descrevendo seu ingresso e trajetória no colégio Ateneu. Já no início do romance, o jovem é advertido por seu pai da batalha que enfrentará no novo ambiente. “Vais encontrar o

mundo, disse-me meu pai, à porta do Ateneu. Coragem para a luta” (POMPÉIA, 2005, p. 7). Antes de ingressar definitivamente no internato, Sérgio faz duas visitas à instituição, presencia momentos de festas e harmonia, o que o faz sonhar em estudar e viver ali. No entanto, o prenúncio das transformações pelas quais irá passar se dá em um jantar na casa do diretor, em que este, ao afagar-lhe os cabelos, anuncia a necessidade de o menino cortar seus cachinhos. Com o ingresso no colégio, tal como os cabelos, Sérgio tem suas expectativas podadas, pois o afastamento da família e a inserção na nova vida resultam na ausência de carinho e projetam-no para um ambiente pautado por extrema disciplina e frieza. Ali ele presenciará várias situações tirânicas. Em *O Ateneu*, Raul Pompéia elabora “uma impressionante descrição da casa de ensino que apartava a criança do mundo por meio de uma redoma pedagógica” (CUNHA, 2003, p. 453).

Essas considerações vão ao encontro do pensamento de Halbwachs (2006), para quem a compreensão das lembranças é possível em razão do passado estar conservado nos ambientes que rodeiam cada indivíduo. “É ao espaço, ao nosso espaço – o espaço que ocupamos, por onde passamos muitas vezes, a que sempre temos acesso e que, de qualquer maneira, nossa imaginação ou nosso pensamento a cada instante é capaz de reconstruir” (HALBWACHS, 2006, p. 170). Para Mário de Andrade (1974, p. 173), Pompéia não só elaborou uma dolorosíssima caricatura da vida psicológica dos internatos, como também expôs destemidamente seus mais sensíveis ressentimentos ao colégio e aos vários personagens, atirando-se “com um verdadeiro furor destrutivo contra tudo e todos, numa incompreensão, numa insensibilidade às vezes absurda e mesmo odiosa dos elementos que formam a difícil máquina da vida”. O romancista escolhe um narrador de primeira pessoa, reforça a verossimilhança do fato narrado, inserindo elementos respaldados na temática realista; no entanto, durante a narrativa, a objetividade da linguagem cede lugar ao subjetivo, ao emotivo, pois o narrador adulto resgata o passado, munido de um olhar contaminado pela angústia.

Observa-se que, a partir do Romantismo, o romance passou a veicular o Brasil como tema e isso permitiu aos escritores a expressão de uma realidade nacional, o que irá se aprofundar com a vanguarda realista, que tem como proposta tornar a arte um meio para o registro e a crítica de valores e costumes de uma época. Esse compromisso com o desnudamento da realidade atinge realistas como Raul Pompéia e alcança modernistas da Geração de 30, como José Lins do Rego e Graciliano Ramos, além de pós-

-modernistas como Cora Coralina, cuja obra fornece um material significativo para a ampliação da história oficial.

Ao compor o universo escolar do Ateneu, Pompéia descreve o reflexo do universo social do fim do século XIX, apresenta uma leitura do sistema injusto e hipócrita que oprime os indivíduos e elimina os que não se enquadram em seus modelos. As outras escolas que frequentou antes de estudar no Ateneu também são alvo de sua crítica, como a escola familiar do Caminho Novo, onde “algumas senhoras inglesas, sob a direção do pai, distribuíam educação à infância como melhor lhes parecia” (POMPÉIA, 2005, p. 7). Nessa instituição estudou por alguns meses, até que seu pai contratou um professor para ensinar-lhe em casa. Em suas experiências escolares, nada se comparou às provações vividas no Ateneu, cujo proprietário era o Dr. Aristarco, um renomado educador, respeitado em todo o Império, a quem Sérgio descreve com detalhes:

O Dr. Aristarco Argolo de Ramos, da conhecida família do Visconde Ramos, do Norte, enchia o Império com o seu renome de pedagogo. Eram boletins de propaganda pelas províncias, conferências em diversos pontos da cidade, a pedidos, à substância, atochando a imprensa dos lugarejos, caixões, sobretudo, de livros elementares, fabricados às pressas com o ofegante e esbaforido concurso de professores prudentemente anônimos, caixões e mais caixões de volumes cartonados róseas, amarelas, em que o nome de Aristarco, inteiro e sonoro, oferecia-se ao pasmo venerador dos esfaimados de alfabeto dos confins da Pátria. (POMPÉIA, 2005, p. 8)

Com a mesma idade de Sérgio, doze anos, Pompéia é, no Colégio Abílio, de propriedade de Abílio César Borges, o Barão de Macaúbas, notório educador e escritor que, através de livros de leitura, disseminou seus métodos de alfabetização. As impressões de Sérgio sobre Aristarco lembram as do autor sobre os livros com os quais fora alfabetizado, em cujas capas figurava a imagem do nobre diretor, a quem apresenta de forma burlesca como um homem “de cara chupada, pedagógica, óculos apocalípticos, carapuça negra de borla, fanhoso, onipotente e mau, com uma das mãos para trás escondendo a palmatória e doutrinando à humanidade o be-a-bá” (POMPÉIA, 2005, p. 13). Nesse sentido, o romancista recorda momentos pessoais do período em que estudou no Colégio Abílio, mas ao mesmo tempo contempla a realidade estudantil do final do século XIX, que “traduziam uma experiência que punha a nu, tanto na parte relativa ao autor como ao

picolo mondo do internato em geral, o sentido de condição humana em muitos de seus aspectos” (LINHARES, 1960, p. 14).

Valendo-se de uma crítica mordaz, descreve o costume diário de os alunos beijarem a mão do diretor, gesto exigido por ser demonstração de respeito, e era nesse gesto que o imponente diretor deixava transparecer à criança algum desagravo cometido por ela ou por sua família. Na realidade, Pompéia derrama por toda a narrativa uma mágoa dilacerante, que o faz enxergar somente os mais desprezíveis comportamentos de Aristarco, julgando existir naquela figura a mistura de dois seres, o educador e o empresário, que se alternavam de acordo com a conveniência de cada situação.

Em relação aos exames primários, o narrador esclarece que o diretor, os professores e os personagens da educação pública reuniam-se no salão do oratório, formando uma grande comissão avaliativa, onde se discutiam o desempenho e a aprovação de cada aluno. Relata que o voto de Aristarco seguia alguns critérios: “Contas justas: aprovação com louvor, cambiando às vezes para distinção simples; atraso de trimestre, aprovação plena com risco de simplificação; atraso de semestre, reprovado” (POMPÉIA, 2005, p. 71). Só ficavam fora dessa regra os alunos bolsistas, que tinham todos os deveres e nenhum direito, tendo os professores a obrigação de cobrar e cuidar para que eles tivessem excelentes resultados. Essas são lembranças de um garoto que, assim como os outros internos, esperava ansioso o parecer final do conselho. Para Bosi (2003, p. 31), o fato de retermos na memória alguns acontecimentos em detrimento de outros se configura por causa da liberdade de escolha, pois a memória “opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, não arbitrariamente, mas porque se relacionam através de índices comuns. São configurações mais intensas quando sobre elas incide o brilho de um significado coletivo”.

É com pinceladas de escárnio que Pompéia instiga o leitor a acompanhar, pela descrição de Sérgio, a necessidade exacerbada de Aristarco de posicionar-se como o centro de todas as atenções, como senhor absoluto e onipotente de todas as instâncias do Ateneu, inclusive do Grêmio Literário *Amor ao Saber*, cujo maior colaborador era o diretor, que publicava ali grandes anúncios, alimentando sua vaidade. Há, no entanto, uma voz que destoa, a do Dr. Cláudio, professor do Ateneu, que, em uma das conferências no Grêmio, faz uma interessante reflexão acerca do vínculo entre a escola e a sociedade: “Não é o internato que faz a sociedade; o internato a reflete. A corrupção que ali viceja, vai de fora. Os caracteres que triunfam,

trazem ao entrar o passaporte do sucesso, como os que se perdem, a marca da condenação” (POMPÉIA, 2005, p. 96). As palavras do nobre professor traduziam a consciência crítica de Pompéia, que “não deixou ao arbítrio dos futuros intérpretes o trabalho de decifrar o sistema de idéias que se poderia depreender do *Ateneu*. Ele mesmo expõe pela boca do Dr. Cláudio” (BOSI, 1981, p. 208).

Na caracterização do protagonista Sérgio, percebe-se que Pompéia o delinea como um garoto muito solitário, portador de amizades efêmeras e avaliadas segundo outros interesses; entretanto, o leitor acredita na relação fraternal e sincera que ele mantém com Bento Alves, até mesmo porque esse foi o único colega que teve a oportunidade de visitá-lo na casa de seus pais durante o período de férias. Esse laço afetivo, entretanto, não dura, e o romancista narra de forma trágica o desenlace da amizade entre eles, que ao retornarem das férias se desentendem e acabam travando uma forte briga. Essa discórdia resulta em uma das partes mais interessantes e críticas de *O Ateneu*, em que o diretor, ao surpreender a confusão, pede explicações a Sérgio, suspendendo-o nervosamente pela roupa, além de exigir que confessasse o motivo da desordem. É nessa hora que o leitor tem a sensação de que Sérgio vingasse de Aristarco, pois o jovem aluno encontra a possibilidade de retribuir-lhe as ofensas armazenadas durante toda a sua estada no internato e de forma animalasca agarra o bigode do velho diretor, o que o faz sentir-se indignado por ter sido tocado e desrespeitado: “Ah! Meu filho, ferir a um mestre é como ferir ao próprio pai, e os parricidas serão malditos” (POMPÉIA, 2005, p. 80).

Em abordagem a *O Ateneu*, Mário de Andrade faz referência a um episódio similar, relatado pelo crítico Elói Pontes, ocorrido no Colégio Abílio:

No n. 4 de *O Archote*, jornalzinho manuscrito que Raul Pompéia redigiu no quinto ano do Abílio, “critica-se a conduta de um aluno que se bateu com o vice-reitor, sendo expulso debaixo de pancadas. O Archote reprova a atitude do vice-reitor, lançando a criadagem contra o adversário, e censura este por se ter batido com um velho”, nos conta Elói Pontes. (ANDRADE, 1974, p. 180)

Se esse caso não se passou diretamente com Pompéia, pelo menos foi vivenciado por ele, marcando-o a ponto de retê-lo em suas lembranças, o que não deixa de caracterizar um ato de memória emprestada, a qual subtrai de outras situações ou pessoas e agrupam-se às lembranças pessoais. Pode-se considerar que cada lembrança é uma reconstrução do evento anterior, edifi-

cada a partir de dados e necessidades presentes, e muitas vezes emprestam-se detalhes e fatos que não aconteceram conosco, e sim com outras pessoas em episódios semelhantes, além de que “a algumas lembranças reais se junta uma compacta massa de lembranças fictícias” (HALBWACHS, 2006, p. 32).

O acontecimento teria inspirado muitas dúvidas em Sérgio, a ponto de resgatá-lo do baú da memória e refletir no presente lacunas que não ficaram muito claras no passado: “Hoje penso diversamente: não valia a pena perder de uma vez dois pagadores prontos, só pela futilidade de uma ocorrência, desagradável, não se duvida, mas sem testemunhas” (POMPÉIA, 2005, p. 81). Assim, o olhar do protagonista é contaminado pela leitura do homem adulto, que, ao buscar as lembranças da adolescência, deixa transparecer suas impressões do presente, uma vez que o indivíduo, ao recordar seu passado, não consegue vê-lo com os olhos de outrora, pois as experiências vividas influenciam a sua percepção e interpretação dos fatos (HALBWACHS, 2006, p. 32).

Logo, ao narrar o fim trágico do Ateneu e de Aristarco, Pompéia dilacera em instantes as mágoas derramadas em toda a narrativa, e o leitor percebe que o romancista atinge plena realização pessoal ao transformar-se em uma bomba explosiva contra tudo e todos do colégio, “numa incompreensão, numa insensibilidade às vezes absurda e mesmo odiosa dos elementos que formam a difícil máquina da vida. Raul Pompéia se vinga. Se vinga do colégio com uma generalização tão abusiva e sentimental que chega à ingenuidade” (ANDRADE, 1974, p. 174).

Cora Coralina, ao tecer os versos de *Vintém de Cobre*, também traça um minucioso trabalho de enquadramento da memória, no intuito de construir a reinvenção acerca de sua própria vida, ao transmutar em matéria poética sua história, mesclada à de tantas outras pessoas pertencentes à mesma geração, pois, enquanto conta sua experiência, reflete sobre toda uma época. Ao reviver suas lembranças e transformá-las em versos, revisita poeticamente sua infância sob o olhar da mulher adulta, que por meio de um eu confessional, nomeado Aninha, exprime suas experiências de vida, além de resgatar valores, frustrações e saudades.

Desta forma, a poetisa articula em linguagem poética sua experiência particular com a coletividade, trazendo ao leitor aspectos do cotidiano familiar, escolar e social da cidade de Goiás do fim do século XIX e início do século XX. Ao relembrar os fatos embutidos na memória, encena-os segundo as impressões adquiridas, no esforço de refazer a atmosfera das circuns-

tâncias, tais como foram no momento em que as vivenciava, o que de certa forma explica o caráter emotivo de seus versos.

O título do livro de Coralina, *Vintém de Cobre: Meias Confissões de Aninha*, já indica ao leitor o teor autobiográfico; contudo, a poetisa esclarece que são “meias confissões”, ao subtender que a totalização de suas lembranças só a ela pertence, ao recriar em versos somente aquelas lembranças que mais a engasgavam. Sobre isso, Yokozawa (2005, p. 42) afirma que “é importante destacar que as confissões de Cora não são um mero derramamento pretensamente sincero de uma alma ingênua e incontida. Suas memórias pessoais são transfiguradas pela arte e qualquer produção digna desse nome é, em última instância, criação, ficção”.

Coralina reconhece na única mestra e na única escola que frequentou o alicerce de sua conquista, pois foi com seus ensinamentos que ela alcançou sua realização como escritora. Em vários poemas desse livro, não só faz menção ao nome de mestra Silvina e recorda a velha escola, como também tece-lhes inúmeros agradecimentos. Nos versos de “Menina mal-amada”, suas lembranças suscitam sua iniciação no ambiente escolar, a qual se deu por volta dos cinco anos de idade: “Fui levada à escola mal completados cinco anos / Eu era medrosa e nervosa. Chorona, feia, de nenhum agrado”(CORALINA, 2001, p. 114).

Nos versos desse poema constata-se o reconhecimento e o saudosismo do eu-poético, que descreve em forma de desabafo e confissão seus primeiros contatos com os livros de leitura. Numa linguagem bastante emotiva e afogada em mágoas, rememora o momento em que, depois de gaguejar a lição, é punida com a temível palmatória:

Um dia, certo dia, a mestra se impacientou.
Gaguejava a lição, truncava tudo. Não dava mesmo.
A mestra se alterou de todo, perdeu a paciência.
e mandou enérgica: estende a mão.
Ela se fez gigante no meu medo maior, sem tamanho.
(CORALINA, 2001, p. 114)

Desabafa ter vivido momentos de extrema aflição, sentimentos de impotência e medo que, misturados, agigantavam a figura daquela que a mandava esticar a mão, e a “mão de Aninha, tão pequena” encolhia-se receosa pela palmatória, e seus colegas, amedrontados pela circunstância, ficavam quietos, somente a observar. Entre os colegas de sala de Coralina,

encontravam-se o escritor Hugo de Carvalho Ramos e seu irmão Victor de Carvalho Ramos, que prosseguiram seus estudos, enquanto Cora Coralina teria cursado apenas dois ou três anos de escola primária (DENÓFRIO, 2004, p. 14-15).

A escola de mestra Silvina, diferentemente do *Ateneu* de Pompéia, aceitava a coexistência de meninas e meninos na mesma sala. Segundo Souza (2006), essa alternativa já era comum em algumas escolas mistas desde o Império. A coeducação exigia, entretanto, uma concepção pedagógica e social relativa à convivência da educação conjunta dos dois sexos. Contudo, a poetisa, assim como tantas outras moças de seu tempo, não teve o privilégio de prosseguir os estudos, pois logo que aprendeu a ler e a escrever sua mãe a retirou da escola. Nota-se que na última década do século XIX havia uma resistência ainda muito grande das famílias em deixar suas filhas permanecerem na escola, sendo comum que a mãe e outras parentas se fizessem como suas tutoras, encaminhando-lhes somente o que conviesse às meninas de boa família.

Coralina, ao expor seu testemunho, revela aspectos e fatos que ampliam os arquivos da história, o que estabelece uma espécie de compromisso com o leitor, ao guiá-lo para uma nova leitura de uma época, pois, conforme a poetisa, “a poesia, a literatura é uma mensagem e uma mensagem que deve ser tanto quanto possível autêntica. A poesia, a literatura é uma recriação da vida e quem escreve não pode fugir da vida” (CORALINA, 1984 apud VELLASCO, 2009, p. 130).

Observa-se que a escola descrita por Coralina apresenta características da escola no Brasil do final do século XIX, adepta do castigo físico, fato aprovado pela família, que, além de aceitar passivamente a atitude dos mestres, reproduzia castigos ainda mais severos. Essa prática evidencia-se em *Infância*, de Graciliano Ramos, obra em que o narrador descreve os infortúnios de uma criança “infeliz”, que era maltrata na escola e em casa: “Em casa, o pai martelava-o sem cessar, inventava suplícios: amordaçava-o, punha-lhe as costas das mãos sobre a mesa da sala de jantar, malhava nas palmas, quase lhe triturava as falanges; prendia-lhe os rejeitos, pendurava-o no caibro, deixava-o de cabeça para baixo” (RAMOS, 1984, p. 250).

Nos versos do poema citado, o eu-poético, Aninha, consegue emocionar o leitor, deixando evadir tudo que estava retido em seu interior, como o sentimento de incompreensão originário da maneira agressiva com que os adultos a trataram em sua infância. Já adulta, acredita que todo castigo que

lhe foi aplicado era para o seu bem; no entanto, exalta sua incapacidade de menina de reconhecer o benefício dessas penalidades, e o único bem que conseguia perfilhar era a bolacha de sua bisavó e os biscoitos e as brevidades da tia Nhorita, duas pessoas importantes com as quais nutriu uma forte ligação e que acalentaram o seu pobre coração de menina rejeitada e mal-amada. Caracterizada por vários nomes depreciativos, recorda que até em francês foi marcada. Era qualificada de “detraquê”, uma vez que seu comportamento era visto como afoito e maluco para os moldes convencionais da época. Nota-se, no século XIX, a apreciação das pessoas pela língua francesa, que era incorporada às conversas do dia a dia de forma espontânea e trivial. Circe Bittencourt (2008, p. 72) assevera que houve um empenho da França na ocupação de alguns setores comerciais no Brasil, inclusive nas relações culturais, pois,

A educação “à francesa” tornava-se uma mercadoria considerada moderna e necessária para o nosso processo “civilizatório”, um capital cultural a ser apropriado e consumido pela juventude das nossas elites. Era um modo de ser “moderno” mais próximo dos valores católicos de setores conservadores desconfiados do mundo inglês protestante.

Em relação a essa atenção dispensada à língua francesa, Denófrío (2004, p. 13) afirma que na cidade de Goiás o interesse pelo francês aumentou com a vinda das irmãs francesas que dirigiam o Colégio Sant’Ana. Segundo essa estudiosa, nos tempos áureos da cidade de Goiás, essa língua, bem como outras matérias, era também ensinada aos interessados por professores particulares. Entre esses professores existia um padre que dava aulas à própria mãe de Cora Coralina.

A imagem de mestra Silvina é saudada em vários poemas pelo eu-poético, que, distante no tempo, revela a inesgotável nostalgia do ambiente escolar, em que simples detalhes como a pedra que escorava a porta da escola e as lições estudadas florescem em sua alma como algo sublime. Genesco Bretas, em sua obra *A educação pública em Goiás*, explica que mestra Silvina distinguia-se como professora da escola primária do sexo feminino da capital goiana, juntamente com mestra Maria Cyríaca Ferreira. Afirma que as duas trabalharam mais de trinta anos como professoras de escola pública e “quando se aposentaram, abriram escola particular mista, e serviram ainda por uma dúzia ou mais de anos, até, quando à velhice lhes permitiu” (BRE-TAS, 1991, p. 548).

Coralina, no poema “Os aborrecimentos de Aninha”, revela ter sido Silvina também mestra de sua mãe: “Eu, Mestra Silvina, tendo sido mestra de minha mãe, / estimada, respeitada por ela” (CORALINA, 2001, p. 146). Mestra Silvina trilhou um longo trajeto no magistério goiano, onde muitas gerações tiveram o privilégio de ser instruídas por essa dedicada professora. Segundo Bretas (1991, p. 548), o nome “mestre ou mestra era o tratamento respeitoso que se dava a um professor ou a uma professora reconhecidamente dignos da função que exerciam, e era mais usado para professores primários”.

Em “Meu Vintém Perdido”, Aninha questiona a força, ou o motivo, que a fez trazer de volta determinadas lembranças, caracterizadas por ela como as “pedras lapidares do passado”, pois, após ter decorrido vinte e sete anos, o seu “vintém perdido” apresenta-se como símbolo de felicidade e amparo para sua afirmação constante.

Procuo minha escola primária e a sombra da velha mestra,
 com seu imenso saber, infinita sabedoria, sua arte de ensinar.
 Quanto daria por um daqueles velhos bancos onde me sentava,
 a cartilha de “ABC” nas minhas mãos de cinco anos, quanto daria
 por um daqueles velhos livros de Abílio Cezar Borges, Barão de Macaúbas
 aquela enfadonha tabuada de Trajano,
 custosa demais para meu entendimento de menina,
 mal amada e mal alimentada...
 Meus vinténs perdidos, tão vivos na memória...
 [...]
 (CORALINA, 2001, p. 51-52)

Entre seus vinténs perdidos no tempo, o eu-poético procura por sua escola primária e por sua velha mestra, “com seu imenso saber, infinita sabedoria, sua arte de ensinar”, ao exalar notória nostalgia e vontade de que o tempo retornasse e ela pudesse novamente se sentar nos antigos bancos da escola e vivenciar os mesmos sentimentos que sentiu aos cinco anos, ao manejar em suas pequeninas mãos a cartilha de ABC, os livros de leitura de Abílio Cezar Borges, as máximas do Marquês de Maricá e a enfadonha tabuada de Trajano, a qual esclarece ser difícil para seu entendimento de menina. Segundo Bittencourt (2008, p. 182), “Antônio Trajano produziu livros de Matemática para as escolas primárias e secundárias e com uma premiada obra Aritmética elementar ilustrada na Exposição de 1883 do Rio de Janeiro, tornou-se um autor nacionalmente conhecido”.

Segundo Bretas (1991), os livros didáticos mais usados nas escolas goianas foram os de Abílio Cezar Borges, o Barão de Macaúbas, o qual enviou gratuitamente ao estado de Goiás duzentos volumes dos seus livros de leitura. Assim,

[...] o magistério goiano não cogitou de produzir livros didáticos para as escolas goianas, com exceções raras, pelo simples fato de não haver para esses livros em Goiás, nem editores nem mercado para o consumo em bases comerciais. Adotava-se o que vinha impresso de fora. No fim do século passado, para o ensino primário, adotavam-se os livros de leitura e a gramática de Abílio de César Borges. (BRETAS, 1991, p. 567)

Como Pompéia e Coralina, várias crianças brasileiras foram alfabetizadas nas cartilhas do Barão de Macaúbas, médico que opta por exercer a profissão de professor, empregando suas teorias em seu próprio colégio e disseminando seus métodos pedagógicos com as cartilhas, denominadas primeiro, segundo e terceiro livro de leitura. Abílio tornou-se um ícone na educação da Bahia e do Brasil, e suas contribuições renderam-lhe o título de Barão de Macaúbas, no ano de 1881, título recebido das mãos de D. Pedro II.

Por intermédio de seus livros de leitura, Coralina afirma reviver a grande magia da infância, inclusive no dicionário, designado como “meu livro de amor que tanto me ensinou e corrigiu”, demonstrando elevada gratidão a esse livro que lhe esclareceu tantas dúvidas, iluminando seu conhecimento. Cita ter sido seu melhor livro de leitura “As histórias da carochinha”, impresso em capa dura, escura e parda, com desenhos em preto e branco, imagens de um objeto que anunciava sua sincera identificação com o mundo da leitura. Para Schopenhauer (1994, p. 47), “não há maior deleite para o espírito que a leitura dos antigos clássicos: tão logo tomamos um deles, nem que seja por meia hora, nos sentimos refrescados, aliviados, purificados, elevados e fortalecidos; exatamente como se tivéssemos bebido de uma fresca fonte”.

A sedução pelo universo literário lança o eu-poético a viver as aventuras dos personagens, ao contagiar-se pela magia de cada história e encontrar-se em cada uma delas, como declara nos versos: “Fui pele de burro. Fui companheira de Pequeno Polegar, / e viajei com o Gato de Sete Botas. Morei com os anõezinhos” (CORALINA, 2001, p. 46). Segundo Bittencourt (2008, p. 42), a literatura escolar do ensino primário era dividida em dois gêneros, os quais deveriam obedecer a alguns critérios:

Existia o livro das disciplinas, organizado por nível de idade, cuja complexidade dos conteúdos buscava acompanhar as diversas fases de aprendizagem do aluno, evoluindo segundo os programas de ensino. Outro gênero foi o denominado livro de leitura, um tipo específico de literatura para a infância.

Nessa perspectiva, os livros de leitura eram trabalhados com os alunos de acordo com a evolução apresentada e acompanhada pelo professor, que monitorava as obras pertinentes a cada faixa etária. Coralina, no entanto, não se contentava apenas com as leituras acompanhadas em sala de aula, tornando-se uma leitora assídua e curiosa bem cedo, muitas vezes deixando de cumprir tarefas indicadas pela mãe ou por alguma tia para entregar-se durante horas ao encanto da leitura.

No poema “O longínquo cantar do carro”, descreve a imensa alegria ao ouvirem o cantar do carro, momento em que seus corações palpitavam ansiosos pelas novidades da capital, livros, jornais e cartas, que iriam colorir suas vidas até que ele voltasse de novo e trouxesse outros atrativos:

[...] era a rotina da vida no Paraíso e nós, jovens, ansiando já pela volta do carro,
cartas e jornais do Rio de Janeiro.
Minha mãe era assinante do “Paiz” e para nós vinham os romances do Gabinete Literário Goiano.
Esperar a volta do carro, imaginar as coisas que viriam da cidade, tomava a imaginação desocupada das meninas moças.
Acostumei a ler jornais com a leitura do “Paiz”.
[...]
Meus primeiros escritinhos foram publicados no suplemento desse jornal.
Acompanhei, na sua leitura, fatos e acontecimentos universais.
(CORALINA, 2001, p. 96-99)

Enveredar-se pelo mundo dos personagens era uma rotina na vida de Coralina, e os livros eram sua maior paixão, ao ganhar passagem gratuita para além dos reinos de Goiás. Vicência Bretas Tahan, em *Cora Coragem, Cora Poesia*, afirma que Cora “aos poucos, vai se acomodando e encontrando, cada vez mais, uma grande distração na leitura que a leva para outros mundos, da fantasia sim, mas da libertação também. Dedicar-se mais à poesia. Presta mais atenção nos versos dos poetas. Aprende a métrica” (TAHAN, 2002, p. 38).

Conforme Lajolo e Zilberman (1996, p. 18), manifestam-se no Brasil só por volta de 1840 os sinais iniciais necessários para o desenvolvimento e fortalecimento de uma sociedade leitora, momento em que principia a produção e a circulação da literatura e também a formação do leitor brasileiro, tal como Aninha, que se extasiava com os romances do Gabinete Literário Goiano, além de aprender a ler jornais por intermédio do *Paiz*, que lhe informava sobre os acontecimentos do mundo. No entanto, Tahan (2002) esclarece que esse hábito de dedicar-se à leitura e à escrita de versos não era visto com bons olhos pela família de Coralina, que considerava desnecessário e exagerado o tempo que a jovem empregava a esses mimos.

De que adianta ficar lendo, fazendo versinhos? Isso não enche a barriga de ninguém, e marido nenhum precisa de mulher literata. Vê se aprende! Que lhe sirva de lição: saber ler e escrever é bom, mas o mais importante é ser boa dona-de-casa. Versos... você tem muito a aprender. Versos... Bah! (TAHAN, 2002, p. 37)

Coralina procurava romper o isolamento cultural em que se encontrava, e, mesmo afastada da escola, isso não a impedia de querer agigantar o seu mundo por meio da leitura, já que tinha consciência de ser esse o caminho de sua libertação. A sociedade da época enxergava a leitura como algo perigoso à mulher, devendo ser esta, indiscutivelmente, controlada ou dirigida. Ao recordar as fases de sua vida, Coralina vivencia a dificuldade enfrentada por ela e várias outras moças de seu tempo, que tinham muitas de suas expectativas dilaceradas por serem mulheres. A menina mal-amada e sonhadora esculpe-se agora na mulher anciã, que se vale de seus poemas como tentativa de resgate do tempo pretérito.

Nesse sentido, Coralina e Pompéia, ao escreverem suas obras, entrelaçam as lembranças do passado com os artífices da literatura, ao fazerem da linguagem artística o veículo de suas vidas e transportarem o leitor a tempos e espaços outros, que são o reflexo da sociedade brasileira do fim do século XIX e início do século XX. Portanto, o significado da própria vida se entranha com a literatura, cuja matéria é a bagagem adquirida ao longo da existência.

Referências

ANDRADE, M. O Ateneu. In: *Aspectos da literatura brasileira*. 5. ed. São Paulo: Martins, 1974.

BITTENCOURT, C. *Livro didático e saber escolar: 1810-1910*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BOSI, E. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRETAS, G. *História da instrução pública em Goiás*. Goiânia, Cegraf/UFG, 1991.

CARDOSO, J. B. *Um mapa da história sobre o mapa da ficção*. Goiânia: Ed. UCG, 2009.

CORALINA, C. *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha*. 7. ed. São Paulo: Global, 2001.

CUNHA, M. V. da. A escola contra a família. In: VEIGA, C. V; LOPES, E.M.T.; FARIA Fº, L. M. de (Orgs). *500 anos de educação no Brasil*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

DENÓFRIO, D. F. Cora dos Goiasés. In: *Melhores poemas: Cora Coralina*. 2. ed. São Paulo: Global, 2004.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. O brasileiro, um leitor em formação. In: *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.

LINHARES, T. *Raul Pompéia: trechos escolhidos*. Rio de Janeiro: Agir, 1960.

LOPES, E. M.T.; GALVÃO, A. M. O. *História da educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

POMPÉIA, R. *O Ateneu*. São Paulo: DCL, 2005.

RAMOS, G. *Infância*. 20 ed. Rio de Janeiro: Record, 1984.

SCHOPENHAUER, A. *Sobre livros e leitura*. Tradução de Philippe Humble e Walter Carlos Costa. Porto Alegre: Paraula, 1994.

SOUZA, R. F. de. Espaço da educação e da civilização: origem dos grupos escolares no Brasil. In: SAVIANI, D. *O legado educacional do século XIX*. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006, p. 33-81.

TAHAN, V. B. *Cora Coragem*. Cora Poesia. 4. ed. São Paulo: Global, 2002.

VELLASCO, M. E. C. Aspectos irônicos na prosa coralínea. In: *Moinho do tempo: estudos sobre Cora Coralina*. Goiânia: Kelps, 2009.

YOKOZAWA, S. F. C. Confissões de Aninha e Memórias dos Becos. In: BRITTO, C. C.; *Moinho do tempo: estudos sobre Cora Coralina*. Goiânia: Kelps, 2009, p. 192-206.

.....
Recebido em: 30 jun. 2011

Aceito em: 25 ago. 2011